

## à janela das ondas sem regresso<sup>1</sup>

haverá um périplo para os amantes,  
uma escala em estrelas antigas?  
pergunto e penso em viagens pelas mãos  
(noturnas mãos, insones mãos),  
que ancoraram os teus pulsos à memória.  
quantas mulheres foram, neste leito,  
transatlânticos de prata,  
longe, mais longe,  
no éter das cidades anoitecidas?  
e quantas mais teriam voltado  
à grávida respiração dos oceanos  
(os fluxos e refluxos do teu peito)?  
pergunto e medito e naufrago,  
ulisses de ítaca magoado  
à janela das ondas sem regresso.

---

<sup>1</sup> Mancelos, João de. “à janela das ondas sem regresso” e “no coração arruinado da cidade”. Trad. Maria José Canelo. *Poesia do Mundo 4*. Org. Maria Irene Ramalho. Braga: Palimage, 2004. 74-77.

**at the window of unreceding waves**

is there a periple for lovers,  
a stop in ancient stars?  
i wonder and think of voyages through the hands  
(nocturnal hands, sleepless hands)  
that anchored your wrists in memory.  
how many women were in this bed  
silver ocean liners  
far, farther away,  
in the ether of cities as the night falls?  
and how many more might have returned  
to the pregnant breathing of the oceans  
(the flows and ebbs of your breast)?  
i wonder and muse and wreck,  
woeful Ulysses of Ithaca  
at the window of unreceding waves.

**no coração arruinado da cidade**

sobe as escadas até ao amor,  
onde a mulher é um corpo contigo,  
e a noite tem um ano de cem séculos.  
pergunta-lhe pelo vento, que fez dele,  
se recorda o instante  
em que o sangue se fez vinho amargo.  
ama-a, dança-lhe os passos,  
limpa-lhe o batom,  
sepulta-a na cama outrora neve,  
onde as sementes de fogo  
já arderam. e depois sai, sai.  
deixa-a carpindo maquilhagem  
e confessando a noite a um cigarro.  
vai-te a outras mulheres, vai,  
mas não esqueças nunca  
a cor das lágrimas, o desfiar de amantes,  
o perfeito som do vento  
no coração arruinado da cidade.

**in the ruined heart of the city**

climb the stairs leading to love  
where a woman is one body with you,  
and the night is one hundred centuries old  
ask her about the wind, what she did to it,  
if she remembers the lovers' name  
or the instant when blood  
turned to bitter wine.  
love her, dance her footsteps,  
wipe off her lipstick,  
bury her in the bed once of snow,  
where the seeds of fire  
no longer burn. and then leave, leave.  
leave her wailing the make-up,  
and confessing the night to a cigarette.  
seek other women, go,  
but do not ever forget  
the colour of tears,  
the reveling of lovers,  
the perfect sound of the wind  
in the ruined heart of the city.